



liderança e poder

aldo fornazieri

FESPSP

Cód. acervo: 40333

Cód. exemplar: 63999



AC. 40333

Class. 320.981

Cutter F727L

Copyright © EDITORA CONTRACORRENTE

Alameda Itu, 852 | 1º andar |

CEP 01421 002

www.loja-editoracontracorrente.com.br

contato@editoracontracorrente.com.br

EDITORES

Camila Almeida Janela Valim

Gustavo Marinho de Carvalho

Rafael Valim

Walfrido Warde

Silvio Almeida

EQUIPE EDITORIAL

COORDENAÇÃO DE PROJETO: Juliana Daglio

REVISÃO: Graziela Reis

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Amanda Dorth

REVISÃO TÉCNICA: Douglas Magalhães

DIAGRAMAÇÃO: Pablo Madeira

CAPA: Gustavo André

EQUIPE DE APOIO

Fabiana Celli

Carla Vasconcelos

Fernando Pereira

Valéria Pucci

Regina Gomes

Nathalia Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fornazieri, Aldo

Liderança e poder / Aldo Fornazieri. --

São Paulo, SP : Editora Contracorrente, 2022.

ISBN 978-65-5396-007-7

1. Liderança política 2. Liderança política -
Brasil 3. Machiavelli, Niccoló, 1469-1527. O
Príncipe - Crítica e interpretação 4. Política -
Brasil - História I. Título.

22-105163

CDD-320.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Liderança e poder : Ciência política 320.981

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

@editoracontracorrente

f Editora Contracorrente

@ContraEditora

EPÍLOGO

O LÍDER COMO NECESSIDADE

Atribui-se a Platão duas afirmações que nunca deveriam ser esquecidas por qualquer líder que almeja mudar a realidade: “a necessidade é a mãe da inovação” e “A punição que os bons sofrem, quando se recusam a agir, é viver sob o governo dos maus”. Essas duas afirmações remetem imediatamente para a questão da liderança política. Olhar para os problemas do mundo e das sociedades, e perceber a ocasião que eles oferecem para a atividade inovadora, criativa, são a primeira condição para se tornar líder. É precisamente isto o que Maquiavel mostra nesta passagem no último capítulo de *O Príncipe*:

E se, como eu disse, era necessário, para ver a *virtù* de Moisés, que o povo de Israel fosse escravo no Egito; e para conhecer a grandeza de ânimo de Ciro, que os persas fossem oprimidos pelos medas; e a excelência de Teseu, que os atenienses fossem dispersos; assim, no presente, para reconhecer a *virtù* de um espírito italiano, era necessário que a Itália se reduzisse nos tempos presentes à condição de mais escrava do que os hebreus, mais serva do que os persas, mais dispersa do que os atenienses, sem chefe, sem

ordem, batida, espoliada, dilacerada, invadida e tivesse suportado toda sorte de ruína.⁸²

O que Maquiavel estabelece aqui como regra geral é que existe uma relação direta entre as condições de grande necessidade de um povo que se encontra oprimido para que surja ou se reconheça um líder de grande *virtù*. Em outros termos, as necessidades e vicissitudes dos povos representam a *ocasião* para o surgimento dos grandes líderes. A compaixão que ele sente em face das aflições e sofrimentos desse povo é o seu ponto de partida. Dificilmente, para não dizer nunca, povos que se encontram oprimidos e sem liberdade conseguem sair desta condição sem líderes virtuosos e competentes.

O líder, por seu turno, precisa perceber a existência da *ocasião*, do *momento maquiaveliano*, do momento de grande crise por que passa o povo, e a necessidade da mudança. Do ângulo de visão do líder, a *ocasião* – as condições de opressão do povo – é oferecida pela *fortuna*. O líder a percebe e entra com a sua *virtù* para comandar e ser chefe da libertação, da mudança. Intervém com o seu poder demiúrgico para criar uma nova realidade para aquele povo e só se tornará um herói imemorial se for capaz de criar essa nova realidade.

Mas uma condição necessária não é uma condição suficiente, o sabe Maquiavel. As condições da Itália do seu tempo lhe pareciam estar em pior estado do que aquelas dos hebreus no cativeiro, das dos persas e dos atenienses. Isto, contudo, não era suficiente para o aparecimento de um líder libertador. Aquela situação poderia perdurar por séculos. A perdurabilidade da opressão, da falta de liberdade e da resiliência da miséria se deve à existência de uma trágica normalidade, produzida pela má fundação do Estado. Esta trágica normalidade se repõe, em circunstâncias variadas, no decurso dos tempos. Um Estado mal fundado, no qual não ocorre aquele ato de

⁸² MACHIAVELLI, Niccolò. *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*. Roma: Grandi Tascabini Economici Newton, 1998, p. 53.

terror fundante em que o líder demiúrgico cria o novo e expurga a tirania dos malvados pela violência e garante a validade da lei fundada no princípio da igualdade, tende a gerar um povo sem virtude e líderes que não governam, mas oprimem e espoliam o povo.

Nessas situações históricas de trágica normalidade, se não há o trabalho de um *Centauro Quíron*, é necessário que a própria Deusa Fortuna se encarregue de produzir, por meio de uma casualidade qualquer, o surgimento de um líder fundador ou refundador. Foi o que aconteceu no Egito e na Pérsia. A normalidade indicava que Moisés vivesse na Corte do Faraó, como um grande general, como um grande conselheiro. A normalidade indicava que Ciro vivesse pacificamente sob o poder dos medas, pois tinha sangue real, por ser neto do rei medo Astíages.

Eventos fortuitos fizeram Moisés descobrir-se hebreu e perceber o sofrimento de seus irmãos escravizados, segundo o relato bíblico. E fizeram Ciro perceber a falta de liberdade dos persas e de outros povos vencidos pelos medas ou dominados pelos babilônicos. Assim, foi preciso que a *fortuna*, de alguma forma, gerasse e criasse esses heróis fundadores. Serão as circunstâncias singulares de alguém – as condições de nascimento, de formação, de experiência de vida, das qualidades morais, das habilidades e das sensibilidades – que farão surgir essa singularidade histórica capaz de encarnar a função heroica e demiúrgica de produzir um evento extraordinário, desmedido, novo e de sentido universalizante – a fundação de um novo Estado.

Na Itália do tempo de Maquiavel, Cesar Bórgia, não chegou a ser essa singularidade. Foi apenas um lampejo dela: “e embora tenha surgido algum respiro em um espírito que se chegou a julgar que fosse um enviado por Deus para a sua redenção, depois se viu que no curso superior de suas ações ele foi reprovado pela *fortuna*”.⁸³

⁸³ MACHIAVELLI, Niccolò. *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*. Roma: Grandi Tascabini Economici Newton, 1998, p. 54.

Muitas vezes surge um líder com grande potencial de se tornar um herói libertador ou refundador. Mas ele pode ser tolhido ou porque lhe faltam condições e meios materiais para triunfar ou porque a má *fortuna* o derruba antes de triunfar. César Bórgia estava incurso nestas duas insuficiências: em que pese o valor de suas ações, ele não teve a *virtù* e os meios suficientes para vencer a *fortuna*. Enfim, não tendo conseguido edificar tudo o que a prudência e a *virtù* exigem para o êxito, ele foi abandonado pela *fortuna*.

Maquiavel vê a Itália de seu tempo abandonada, sem vida, invadida e espoliada. A vê pronta para receber um líder que a liberte, que a levante, que se faça cabeça de sua redenção. Daí a citação: “justa é a guerra quando necessária e piedosas são as armas, quando não se vê esperança a não ser nelas”. Na verdade, por deferência, Maquiavel se dirige à Casa dos Médici para que de lá surja o libertador da Itália. É difícil ajuizar se, de fato, Maquiavel acreditava nisso. Ele diz ver na Casa dos Médici sinais semelhantes àqueles que Deus proporcionou na libertação do povo hebreu do Egito: o mar se abriu, uma nuvem indicou o caminho, a água brotou de uma pedra e os céus choveram o maná. A grande disposição que haveria na Casa dos Médici faria pequena a dificuldade. Deus teria feito sua parte. Agora caberia ao líder fazer a sua. Talvez Maquiavel tenha percebido, ainda em vida, que a sua esperança era vã.

Por mais valorosos que tenham sido líderes no passado recente de Maquiavel – a exemplo de César Bórgia e Francisco Sforza – nenhum deles conseguiu unificar a Itália. Maquiavel acreditava que o valor militar dos italianos não se havia extinguido, pois tinham ocorrido tantas revoluções e tantas guerras. O que ele via, era que as antigas instituições políticas não eram boas e que ninguém tinha sido capaz de renová-las. Assim, não tinham surgido líderes capazes de criar novas leis e uma nova ordem – grandeza e honra maiores que um estadista poderia alcançar. Esta demanda por grandeza não se tinha visto na Itália, pois a grandeza existe exatamente com instituições bem fundadas. Um novo Estado não surgiu no solo italiano.

Maquiavel via importante valor no povo italiano. Mas, o que faltava, efetivamente, eram líderes. Os italianos eram fortes, inteligentes, possuíam destreza e eram superiores nos duelos, torneios e combates. Mas, nos exércitos, essas qualidades não apareciam. Qual a causa? A debilidade e fraqueza dos chefes. Os exércitos italianos, por longo tempo, se saíam mal nas guerras, pois careciam de grandes generais, de grandes líderes.

Ao apelar para a Casa dos Médici no final de *O Príncipe* e ao manifestar a crença de que se o seu representante lutasse com fé e ânimo, poderia repetir a excelência dos grandes líderes do passado, libertando a Itália, Maquiavel adverte que, para seguir aqueles grandes líderes que redimiram seus Estados e libertaram seus povos, a primeira medida a ser adotada consistia em constituir forças militares próprias:

é necessário antes de todas as outras coisas, como verdadeiro fundamento de todos os empreendimentos, prover-se de armas próprias, porque não se pode ter mais fiéis, nem mais leais, nem melhores soldados do que as forças próprias.⁸⁴

Além disso, Maquiavel recomendava que o novo líder italiano comandasse pessoalmente os seus soldados. A unidade de bons soldados torna os exércitos ainda melhores.

Prover-se de forças próprias, militares ou políticas, é a condição necessária, o alfa e o ômega, do êxito político. Líderes que não têm forças próprias podem ter êxitos apenas parciais e efêmeros. Não terão autonomia para construir grandes empreendimentos, não conseguem alcançar grandes êxitos e não conquistam a glória imorredoura dos grandes heróis.

⁸⁴ MACHIAVELLI, Niccolò. *Tutte le opere storiche, politiche e letterarie*. Roma: Grandi Tascabini Economici Newton, 1998, p. 55.

Maquiavel foi-se desgostoso desta vida. Olhar racionalmente o mundo não nos permite ser otimistas, a não ser que sejamos cínicos e hipócritas. Mas a fé na energia inovadora dos seres humanos, no seu valor, na sua *virtù*, pode gerar um raio de esperança nas nossas vontades.